

# BLITZ DO PRESERVATIVO MASCULINO E FEMININO: PORTE, ACONDICIONAMENTO E USO

BLITZ OF THE MASCULINE AND FEMININE PRESERVATIVE:  
CARRY, KEEPS AND USE

Andréa R Silva<sup>1</sup>, Creso M Lopes<sup>2</sup>, Pascoal T Muniz<sup>3</sup>

## RESUMO

**Introdução:** As doenças sexualmente transmissíveis, são tão antigas quanto a humanidade e sua disseminação no mundo ocorreu não só com a migração do ser humano, como também com o aumento populacional, precárias condições de saúde, saneamento, diagnóstico, tratamento e promiscuidade sexual, constituindo-se assim num sério problema de saúde pública, aliado à pandemia da síndrome da imunodeficiência adquirida - Aids. Uma das formas de conter sua disseminação é o uso do preservativo, que, apesar de toda uma história controversa, ainda constitui num dos meios mais eficazes de prevenção. Por isso, não basta apenas distribuí-lo à população, mas sobretudo também saber acondicioná-lo e usar adequadamente. Desta forma, para sua realização, estabeleceu-se como **objetivo geral:** efetuar a blitz do preservativo masculino e feminino: porte, acondicionamento e uso, em condutores e passageiros de automóveis e motos de passeio, circulando em vias públicas de Rio Branco - Acre - Brasil. **Metodologia:** Trata-se de um estudo exploratório-descritivo, desenvolvido junto a 1.011 sujeitos, sendo 792 (78,3%) condutores de automóveis e 219 (21,7%) de motos de Rio Branco - Acre - Brasil. Para a coleta de dados, fez-se uso de um formulário com questões prioritariamente fechadas, cujos processamento e análise foram efetuadas no EPINFO-6, com apresentação de frequência e percentual. Sob o ponto de vista ético da pesquisa, foi solicitada sua participação espontânea, além de garantir o anonimato. **Resultados:** A população do estudo variou de 18 a 69 anos, sendo 61,7% masculino e 38,3% feminino. 49,8% eram solteiros e 44,9% casados/juntados, sendo que 38,9% possuíam o segundo grau completo. 52,5% não levavam consigo preservativo no final de semana, além de que 84,2% não o possuíam no ato da pesquisa. Apenas 4,1% saíram à procura de atividade sexual e 41,5% a realizaram. 94,5% já haviam usado o preservativo masculino com 85,2% de aceitação e 94,7% pela parceira. Os dados mostraram também que 49,6% compraram o preservativo, contra 45,2% que haviam recebido do governo. Com relação ao local de guarda do preservativo masculino, 36,4% o colocaram no porta-luvas do carro, seguido por 19,5% na carteira de dinheiro no bolso traseiro da calça, enquanto que para o feminino, 33,3% também o colocaram no porta-luvas do carro e 66,7% na bolsa a tiracolo. **Conclusão:** Pesquisa altamente relevante, onde os sujeitos têm feito uso do preservativo, com ótima aceitação inclusive pela parceira. Destacam-se os que não, ou às vezes, levavam preservativo no final de semana com risco para sua saúde, apesar de possuí-los dentro do prazo de validade e estarem com a embalagem íntegra. Salienta-se ainda o não acondicionamento adequado dos preservativos, com excessiva exposição ao calor e maceração, o que de certa forma os expõem ao risco de gravidez indesejada e à infecção pelas doenças sexualmente transmissíveis. Quanto à avaliação da campanha do governo ao incentivo do uso do preservativo masculino para o item ótimo/bom alcançou 85,8%, contra 32,2% da feminina, e que 97,1% avaliaram esta pesquisa como ótima/boa.

**Palavras-Chave:** sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis, educação sexual

## ABSTRACT

**Introduction:** The Diseases Sexually Transmissible, healthy as old as the humanity, and that its expansion in the world happened not only with the human being migration, as well as with the increase of the population, precarious conditions of health, sanity, diagnosis, treatment and sexual promiscuity, if constituting like this in a public, allied serious problem of health the epidemic of the Syndrome of Acquired Immunedeficiency - Aids. One in the ways of controlling its increase makes an appointment the use of the preservative, the in spite of the entire controversial history, it is still constituted in an use of the most effective ways of prevention. This way, it just is not enough to distribute the population, but above all also to know to condition and to use appropriately. This way, for its accomplishment, settled as **general objective:** to make the blitz of the masculine and feminine preservative: carry, keeps and use, ind drivers and passengers of automobiles and walk motorcycles, circulating in public roads of Rio Branco - Acre - Brazil. **Methodology:** It is an exploratory-descriptive study, developed 1011 subjects close to, being 792(78.3%) drivers of automobiles and 219(21.7%) of motorcycles of Rio Branco - Acre - Brazil. For the collection of data, made use of a form with shut subjects, whose processing and analysis was made in the EPI INFO-6, with frequency presentation and percentile. Under the ethical point of view of the research, it was requested its spontaneous participation, besides guaranteeing the anonymity. **Results:** The population of the study varied of 18 to 69 year, being 61.7% masculine and 38.3% feminine. 44.9% were single and 44.9% married and joined, and 38.9% possessed the second complete degree. 52.5% didn't take I get preservative in the week sexual activity and 41.5% accomplished it. 94.5% had already used the masculine preservative with 85.2% of acceptance and 94.7% for the partner. The data also showed that 49.6% bought the preservative, against 45.2% that had received from the government. With relationship to the guard's of the masculine preservative place, 36.4% placed it in it carries it glove of the car, proceeded by 19.5% in the wallet of money of the back pocked of the pants, while for the feminine, 33.3% also placed it in it carries it glove of the car and 66.7% in the bag to shoulder belt. **Conclusion:** Research highly important, where the subjects have been making use of the preservative, with great acceptance besides for the partner. Stand out the ones that not and they sometimes took preservative in the weekend with risk for its health, in spite of possessing them inside of the period of validity and they be with the entire packing. It is still pointed out not the adapted guard of the preservatives, with excessive exhibition to the heat and damage, with in a certain way they expose sexually to the risk of not wanted pregnancy and the infection for the diseases transmissibles. As the evaluation of the campaign of the incentive of the use of the masculine preservative for the great and good item reached 85.8% against 32.2 of the feminine, and that 97.1% evaluated this as great and good.

**Keywords:** sexuality, sexually transmitted diseases, sexual education

ISSN: 0103-4065

DST - J bras Doenças Sex Transm 14(6):22-32, 2002

## INTRODUÇÃO

Ao discorrer sobre as doenças sexualmente transmissíveis - DST, pode-se dizer que estas são tão antigas quanto a humanidade, e que sua disseminação pode ter ocorrido com os deslocamentos dos seres humanos, em suas

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Acre - Rio Branco - Acre - Brasil. Bolsista do PIBIC/CNPq - 2001/2002

<sup>2</sup> Prof. Dr. do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Acre - Rio Branco - Acre - Brasil. Orientador. Enfermeiro. COREn - AC, nº 9.770

<sup>3</sup> Prof. Dr. do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Acre - Rio - Branco - Acre - Brasil. Nutricionista

incursões colonizadoras ou exploratórias ao longo das diversas partes do mundo.

Assim, paralelas a isso e associadas ao aumento populacional, as precárias condições de saneamento básico, saúde, educação, diagnóstico, tratamento e promiscuidade sexual, somadas hoje à pandemia da síndrome da imunodeficiência adquirida – aids, em muito contribuíram para seu agravamento, constituindo-se num grave problema de saúde pública.

Face a esta problemática, pode-se dizer que as DST estão entre os principais problemas de saúde pública do mundo, onde nos países industrializados ocorre um novo caso de DST em cada 100 pessoas por ano, já por sua vez nos países em desenvolvimento, elas estão entre as 5 principais causas de procura pelos serviços de saúde<sup>1</sup>.

Neste sentido, como forma de se conter sua disseminação, várias são as alternativas possíveis e, entre elas, cita-se o uso do preservativo e que, apesar de toda sua história controversa, ainda se constitui numa excelente barreira de proteção às DST.

Por sua vez, a história tem mostrado que o preservativo foi inventado há muitos séculos, e que este sempre esteve presente quando se abordava a anticoncepção e a proteção contra às DST<sup>2</sup>.

Prossegue descrevendo que, coube aos chineses, com sua sabedoria milenar, a criação do primeiro preservativo, o qual tratava-se de um envoltório de papel de seda untado com óleo. Relata ainda que seu uso data desde 1600 a.C., quando foi usado pelo Rei Minos, de Knossos, em Creta, na forma de bexiga natatória de peixe.

Dando continuidade, os povos egípcios também tinham este cuidado, e que inclusive até algumas tumbas de Karnak representam um egípcio usando um artefato razoavelmente semelhante a uma camisinha.

Continua historiando que “muitos anos depois na idade média, a contracepção encontrou a alquimia, que lhe reservava toda uma série de porções especiais criadas de misturas assombrosas, como urina de cordeiro, pó de testículos de touro torrados e outras receitas dignas de revoltar o estômago”.

Neste sentido foi a partir do surgimento e disseminação das numerosas doenças venéreas, onde entre elas cita-se a sífilis, que o homem começou a tentar reduzir os perigos de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis.

Um outro artefato criado por um artesão criativo, onde teve a idéia de preparar à sua moda o “ceco” (porção do intestino) de carneiros, o qual costurava uma de suas extremidades e mantendo a forma de bainha, constituindo-se anatomicamente perfeito para fins a que se destinava, obtendo-se assim um preservativo, o que, daí para o processo de industrialização, foi um grande passo.

Ampliando as descrições históricas da invenção do preservativo, em matéria preparada por Cristina, Marquezi e Costa (2002)<sup>3</sup>, por sua vez, mencionam que ninguém “inventou” a camisinha, pois ela surgiu simultaneamente em diversas civilizações da Antiguidade, e que um dos registros mais antigos descreve que foram os egípcios da 19ª Dinastia (1292-1190 a.C.) que faziam uso de peles de animais como método contraceptivo e que inclusive serviam até como “ornamento”.

Ressaltam que nem mesmo a camisinha feminina representa novidade, pois existem evidências que bexigas de carneiro tenham sido usadas como preservativo feminino na Roma Antiga.

Enfatizam ainda, que o médico e anatomista Gabriello Fallopio (1523-1562), proporcionou uma perspectiva científica à camisinha, e que em 1564 inventou um preservativo de linho, o qual segundo ele era ineficaz para evitar a gravidez indesejada, mas altamente eficiente na prevenção de doenças venéreas, e que foi testado junto a 1100 homens, onde nenhum deles foi infectado por qualquer tipo de doença.

Prosseguem, historiando que o termo inglês de condom, tem origem controversa, no qual o mais provável é que esta palavra tivesse sido inspirada pelo médico e coronel Condom, onde no século 17 criou um preservativo especial para que o Rei Carlos II se divertisse à vontade sem risco de contrair doenças e espalhar filhos ilegítimos em suas incursões pelo território francês, ressalta ainda que, a essa altura, os preservativos constituídos de intestino de carneiros já gozavam de sucesso tanto na França como na Grã-Bretanha.

Por sua vez, dado o avanço dos modelos de preservativos, a grande revolução de mercado começou em 1843, vez que a Hancock e Goodyear inventaram a vulcanização da borracha, onde os intestinos de animais foram substituídos por artefatos de borracha, e que na década de 1920, esta evoluiu para o látex, quando dos anos 80 para cá, as mudanças de mercado até então empreendidas foram apenas superficiais, com o desenvolvimento de diversos tamanhos, uso de espermicidas, lubrificantes, mais finos para melhorar a sensibilidade, pequenos relevos (texturizados), introdução de sabores como: morango, menta, chocolate, banana, uva etc; para uso de sexo oral; com isso, apesar de todas essas variações, a camisinha permanece basicamente a mesma desde a época dos faraós.

Por outro lado, não se pode esquecer também que historicamente o uso do preservativo sempre esteve relacionado com a prostituição, práticas promíscuas e até relações extraconjugais, acarretando uma má reputação ao seu uso.

Em estudo realizado por Gir, Moriya e Figueiredo (1994)<sup>4</sup> citam que, associando-se a estes dados, pode-se dizer que ainda há grande relutância por muitas pessoas em usarem o preservativo, cujos fatores determinantes de seu uso irregular ou mesmo o desuso destacam: redução da sensibilidade masculina e feminina no ato do coito; não aceitação pelo parceiro ou mesmo ofensa; não disponibilidade de tê-lo no momento da relação sexual; percepção errônea e subestimada sobre o risco pessoal de se infectar; uso embaraçoso; crença que se trata de recurso antinatural; causa de desconforto e irritação; geração de desconfiança; interferência pelo efeito do uso de álcool e drogas sobre o uso de preservativo com impropriedade e negligência; convicção de que o condom torna a relação premeditada e não espontânea; crença de que são ineficazes ou não confiantes; crença em considerá-lo mais como método anticoncepcional do que um recurso profilático contra as DST; idéias errôneas sobre a eficácia e efeitos colaterais, crença de que o condom possa ficar no canal vaginal após o coito e que rasga facilmente durante a relação; ausência de conhecimento e interesse sobre o uso; inconveniência do

método devido à necessidade de usar condom em cada ato sexual e de colocá-lo no decurso da relação.

Neste sentido, com a evolução da tecnologia do preservativo de látex, este confere valor substancial quando usado profilaticamente contra a transmissão de doenças, o que propicia uma considerável proteção contra as DST, desde que usado adequadamente.

Outros estudos empreendidos por Solomon e De Jong (1989) e Nakamura (1990)<sup>6</sup> também enfatizam a eficácia do condom como método de proteção contra os agentes etiológicos das DST, reduzindo assim o risco de infecções adquiridas através da exposição do pênis à região cervical, vaginal, vulvar e anal, onde ressaltam também que sua eficácia está diretamente associada ao uso correto e regular, bem como a qualidade do condom.

O preservativo evita o contato do sêmen com as diversas partes do corpo utilizado para a relação sexual, onde um de seus objetivos é a retenção do material ejaculado no depósito do mesmo.

Na opinião de Ferreira *et al.* (1998)<sup>7</sup> o preservativo tem sido utilizado principalmente para evitar a gravidez, e seu uso como meio de prevenção às DST vem encontrando resistência por parte de muitas pessoas, que alegam não terem necessidade de usá-lo. Segundo eles os motivos mais freqüentemente citados na literatura, para o não uso do preservativo são: parceiros sexuais fixos; ausência de relação sexual promíscua ou simplesmente o fato de não gostar de utilizá-lo. Acrescentam ainda que a grande dificuldade com relação ao hábito de usar o preservativo durante as relações sexuais ocorre quando um dos parceiros, ao usar ou solicitar do outro, levanta suspeita sobre seu estado de saúde e sobre sua vida sexual.

Desta forma, com base nestas informações e com a intenção de sua realização, pode-se levantar alguns questionamentos, tais como: os usuários estão acondicionando adequadamente o preservativo; os seus preservativos estão dentro do prazo de validade e as embalagens estão íntegras; eles estão se expondo ao risco de se infectar com as DST e de adquirir gravidez indesejada, cujas respostas somente poderão ser obtidas mediante o desenvolvimento desta pesquisa.

Neste contexto, sua realização se preocupa com a problemática principalmente do porte e acondicionamento do preservativo, tanto por parte do sexo masculino como do feminino que em muito trará conhecimentos, pois não se encontraram no levantamento bibliográfico trabalhos de pesquisas versando sobre esta temática específica, principalmente em nosso meio, o que reforça a intenção e relevância de sua realização, para propor ações educativas e preventivas.

## OBJETIVOS

**Geral:** Efetuar a *blitz* do preservativo masculino e feminino, em condutores de automóveis e motos de passeio, circulando em vias públicas de Rio Branco – Acre-Brasil; e como **específicos:** traçar o perfil sociocultural dos sujeitos da pesquisa; investigar o porte e acondicionamento do preservativo; verificar o uso e aceitação do preservativo nas relações sexuais; avaliar as campanhas de incentivo ao uso dos preservativos empreendidas pelo governo e subsidiar o Pólo de Capacitação de Recursos Humanos na Prevenção e Controle das DST/HIV e Aids no Estado do Acre.

## METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa do tipo exploratório-descritiva, desenvolvida junto a 1011 sujeitos, sendo 792(78,3%) condutores e passageiros de automóveis e 219(21,7%) de motos, sendo ambos exclusivamente de passeio.

A pesquisa foi desenvolvida no período de 23/02 a 18/04/2002, e coletados os dados nas sextas-feiras e sábados, das 20 horas à 1 da manhã, onde em todas as oportunidades contou-se com a presença do orientador e com policiais da Companhia de Trânsito – CIATRAN, do Acre.

Como critério de inclusão da pesquisa, somente participaram sujeitos a partir dos 18 anos de idade, tendo em vista ser legalmente permitido dirigir estes meios de locomoção.

Para a coleta de dados, fez-se uso de um formulário contendo questões prioritariamente fechadas, o qual foi aplicado pelo orientador, bolsista, monitora e bolsistas de outros projetos do orientador, onde teve-se o cuidado de efetuar o pré-teste e que após analisado não se fez necessário reformulação.

Os dados foram processados e analisados no Programa EPI INFO-6, com apresentação de freqüência e percentual.

Vale ressaltar também que à medida que se identificavam preservativos inadequados e com risco aos usuários, efetuava-se a sua troca e fazia-se a orientação do cuidado quanto ao acondicionamento, prevenindo-se assim a gravidez indesejada e o risco de infecção pelas DST.

Sob o ponto de vista ético da pesquisa, antes de sua aplicação, era explicado aos sujeitos, ao mesmo tempo em que se solicitava sua participação espontânea, sendo portanto garantido o anonimato.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao discorrer sobre os dados de identificação dos sujeitos da pesquisa, no tocante a idade, pode-se dizer que 532 (52,6%) estavam na faixa etária de 18-29 anos, seguidos por 322 (31,8%) na de 30-39anos, enquanto 157 (15,6%) estavam com 40 anos ou mais, cujos dados podem ser visualizados na **Tabela 1**.

**Tabela 1 - Distribuição da faixa etária dos condutores de automóveis e motos de passeio, em Rio Branco Acre Brasil, no ano de 2002**

Faixa Etária	(n)	(%)
18- 19	76	7,5
20- 29	456	45,1
30- 39	322	31,8
40- 49	113	11,2
50- 59	37	3,7
60- 69	7	0,7
<b>TOTAL</b>	<b>1011</b>	<b>100,0</b>

Por sua vez, quanto ao gênero, 624 (61,7%) eram do sexo masculino, contra 387 (38,3%) do feminino.

Prosseguindo nos dados de identificação, para o estado civil, as maiores freqüências encontradas foram, 503 (49,8%) para solteiro, seguido por 454 (44,9%) para casado/juntado, sendo que os demais dados estão contidos na **Tabela 2**.

Tabela 2 - Distribuição do estado civil dos condutores de automóveis e motos de passeio, em Rio Branco - Acre - Brasil, no ano de 2002<sup>(\*)</sup>

Estado Civil	(f)	(%)
Solteiro	503	49,8
Casado/Juntado	454	44,9
Divorciado	32	3,2
Separado	14	1,4
Viuvo	7	0,7
<b>TOTAL</b>	<b>1010</b>	<b>100,0</b>

(\*) uma não respostas

Para o grau de escolaridade, destacam-se os 677 (66,9%) que possuíam do segundo grau completo ao terceiro completo, além dos 122 (12,1%) que possuíam o primeiro grau incompleto e que apenas 6 (0,6%) eram analfabetos, onde se acredita que esses sujeitos eram passageiros, e não condutores dos meios de condução investigados, enquanto os dados restantes podem ser observados na **Tabela 3**.

Tabela 3 - Distribuição do grau de escolaridade dos condutores de automóveis e motos de passeio, em Rio Branco - Acre - Brasil, no ano de 2002

Grau de Escolaridade	(f)	(%)
Analfabeto	6	0,6
Primeiro Grau Incompleto	122	12,1
Primeiro Grau Completo	91	9,0
Segundo Grau Incompleto	115	11,4
Segundo Grau Completo	393	38,9
Terceiro Grau Incompleto	139	13,7
Terceiro Grau Completo	145	14,3
<b>TOTAL</b>	<b>1011</b>	<b>100,0</b>

Um outro dado a ser realçado é que se somando os sujeitos do segundo grau completo com os dois do terceiro grau, totalizam 677, ou seja 66,9%, o que mostra ser realmente uma população esclarecida e diferenciada.

No que se refere aos meios de condução dos 1011 sujeitos da pesquisa, 792 (78,3%) estavam de automóvel, contra 219 (21,7%) de moto, sendo ambos de natureza de passeio.

Prosseguindo na descrição dos dados de identificação, quanto ao número de passageiros nos respectivos meios de condução pesquisado, destacam os 536 (53,0%) que estavam com dois passageiros, e os 254 (25,1%) com apenas um, enquanto os demais dados podem ser visualizados na **Tabela 4**.

Tabela 4 - Distribuição do número de passageiros, nos meios de condução dos sujeitos da pesquisa, em Rio Branco - Acre - Brasil, no ano de 2002

Número de Passageiros	(f)	(%)
1	254	25,1
2	536	53,0
3	138	13,6
4	62	6,1
5	16	1,6
6	5	0,5
<b>TOTAL</b>	<b>1011</b>	<b>100,0</b>

Por sua vez, quanto ao tipo de trabalho, vale enfatizar os 327 (32,7%) que trabalhavam em emprego particular, e que também ao se somar todos os servidores dos níveis federal, estadual e municipal, totalizam 307 (30,7%), além dos 188 (18,8%) que não trabalhavam sendo aqui representados por uma grande parte que estava na condição de estudante, enquanto os demais dados podem ser visualizados na **Tabela 5**.

Tabela 5. Distribuição do tipo de trabalho dos condutores de automóveis e motos de passeio, em Rio Branco - Acre - Brasil, no ano de 2002<sup>(\*)</sup>

Tipo de Trabalho	(f)	(%)
Particular	327	32,7
Funcionário Público Estadual	207	20,7
Não Trabalha	188	18,8
Autônomo	168	16,8
Funcionário Público Federal	64	6,4
Funcionário Público Municipal	36	3,6
Trabalho Eventual / Temporário	10	1,0
<b>TOTAL</b>	<b>1000</b>	<b>100,0</b>

(\*) 11 não respostas

Por outro lado, questionados se ao sair de casa no final de semana levavam consigo preservativo, dos 1.004 sujeitos que responderam 527 (52,5%) não o levavam, contra 369 (36,8%) que sim, enquanto 108 (10,8%) mencionaram que às vezes. Tais dados são bastante preocupantes, principalmente se somar os que não levam com os às vezes, alcançando-se 635 (63,3%), o que mostra o risco que estes sujeitos estão expostos à prática do ato sexual sem proteção.

Quando se perguntou se possuíam preservativo no ato da pesquisa, dos 1000 sujeitos que responderam a esta questão, 842 (84,2%) disseram não, contra 158 (15,8%) que afirmaram sim. Salienta-se que 11 não responderam esta questão.

Ao cruzar os dados se levavam consigo preservativo de acordo com a condição marital, quando agrupou-se os 1003 sujeitos para as duas categorias solteiro e casado, dos 553(55,1%) solteiros que responderam a esta questão, 277 (50,1%) referiram que sim, contra 204 (36,9%) que não, enquanto que para os casados, dos 450 (44,9%), 91 (20,2%) referiram-se sim, contra 323 (71,8%) que não. Tais dados, já eram de se esperar, tendo em vista que os solteiros têm maior liberdade não só de levar consigo o preservativo, como também de sair à procura de atividade sexual, enquanto para os casados já era de se esperar o percentual de não, pela possível união estável e parceiro(a) único(a). Vale destacar os 108 (10,8%) de ambos os sexos que levavam às vezes, enquanto os demais dados se encontram distribuídos na **Tabela 6**.

Tabela 6 - Distribuição dos sujeitos que levam preservativo, de acordo com a condição marital dos condutores de automóveis e motos de passeio, em Rio Branco - Acre - Brasil, no ano de 2002<sup>(\*)</sup>

Leva Preservativo	Sim		Não		As Vezes		TOTAL	
	(f)	(%)	(f)	(%)	(f)	(%)	(f)	(%)
<b>Condição Marital</b>								
Solteiro	277	50,1	204	36,9	72	13,0	553	55,1
Casado	91	20,2	323	71,8	36	8,0	450	44,9
<b>TOTAL</b>	<b>368</b>	<b>36,7</b>	<b>527</b>	<b>52,5</b>	<b>108</b>	<b>10,8</b>	<b>1003</b>	<b>100,0</b>

(\*) 8 não respostas

Esses dados, associados à questão anterior confirmam a preocupação com o risco de se infectar com as doenças sexualmente transmissíveis, e até o perigo da gravidez indesejada, caso haja a prática sexual desprotegida.

A esse respeito “a prevenção, estratégia básica para o controle da transmissão das DST e do HIV, se dará por meio da constante informação para a população e das atividades educativas que priorizem: a percepção de risco, as mudanças no comportamento sexual e a promoção e adoção de medidas preventivas com ênfase na utilização adequada do preservativo” (Brasil, 1999)<sup>8</sup>.

Em outra publicação do Ministério da Saúde, Brasil (2002)<sup>9</sup> reforça que “a distribuição do preservativo deve estar sempre acompanhada de informações claras e precisas sobre as vias de transmissão do HIV e outras DST, bem como as formas de prevenção e o uso correto do preservativo”, o que de certa forma reforça a preocupação desta pesquisa.

Ao abordar este tema, Gir *et al.* (1999) mencionam que “a educação é uma função inerente aos profissionais de saúde, e, embora aparentemente simples e fácil, é um processo complexo, que envolve numerosos aspectos inerentes ao comunicador; a comunicação é a audiência para que as metas se tornem factíveis e atinjam os objetivos esperados”.

Por sua vez, conforme Pompidou (1988) *apud* Gir *et al.* (1999)<sup>10</sup>, “não basta simplesmente oferecer informações, pois estar informado não significa necessariamente conhecer; estar ciente não significa necessariamente tomar medidas, decidir a tomar medidas não significa necessariamente fazer”. Portanto é necessário desenvolver o senso de responsabilidade individual e grupal; só este compromisso pode conduzir às mais efetivas e aceitas mudanças de comportamento, uma vez que se baseia em aceitação e não em obrigação”.

Dando continuidade às análises, dos 158 (15,8%) que mencionaram possuir consigo o preservativo masculino em questão anterior e agora levantar a posse quantitativa, destacam-se os 76 (47,5%) que levavam um, seguido por 38 (23,8%) com dois e 27 (16,9%) com três. Já os que possuíam de 4 e mais encontram-se 19 (11,9%).

Convém esclarecer que foi encontrada uma média de dois preservativos por respondentes, o que parece ser um número aceitável e até com razoável margem de segurança para seu uso.

Quando levantado se as mulheres possuíam preservativo feminino, das 387 (38,3%), apenas 4 (1,0%) referiram que sim, o que mostra não só um percentual extremamente baixo, como a sua vulnerabilidade de ficar na dependência do porte e uso do preservativo masculino.

Ao se levantar o prazo de validade dos que possuíam preservativo masculino, este variou de 98,8% a 100,0% por possuírem mais de um preservativo, e para o feminino, encontrou-se 100,0%, estando portanto seguros quanto a este item.

Por sua vez, quanto à integridade das embalagens dos preservativos masculinos, estes variaram de 94,0% a 100,0%, onde tal análise foi feita em virtude de alguns sujeitos possuírem mais de um preservativo. Enquanto 3 apresentaram embalagens inadequadas, onde variou de 2,1% a 6,0%, o que, pelas condições dos preservativos encontrados na época da

pesquisa, representavam seríssimos riscos tanto às DST, como a gravidez indesejada. Para esses casos, os preservativos danificados ou com riscos aos usuários identificados, eram prontamente substituídos por novos pelos pesquisadores.

Vale ressaltar que, com relação ao preservativo feminino, dos 3 que responderam a esta questão, 100,0% estavam íntegros.

Ao questionar se saíram a procura de atividade sexual dos 1007 que responderam, 966 (95,9%) mencionaram que não, enquanto apenas 41 (4,1%) referiram que sim. Esse dado tem sua razão de ser, tendo em vista 454 (44,9%) serem casados/juntados, portanto com união estável e provavelmente com parceiro(a) único(a).

Quando se propôs cruzar os dados da procura de atividade sexual de acordo com a condição marital, dos 555 (55,2%) solteiros, 522 (94,1%) referiram que não, contra apenas 33 (5,9%) que sim. Já dos 451 (44,8%) casados, 443 (98,2%) referiram não, contra somente 8 (1,8%) que sim, cujos dados se encontra na **Tabela 7**.

Tabela 7 - Distribuição da procura por sexo, de acordo com a condição marital dos condutores de automóveis e motos de passeio, em Rio Branco - Acre - Brasil, no ano de 2002<sup>(\*)</sup>

Condição Marital	Procura por Sexo		Sim		Não		TOTAL	
	(f)	(%)	(f)	(%)	(f)	(%)	(f)	(%)
Solteiro	33	5,9	522	94,1	555	55,2		
Casado	8	1,8	443	98,2	451	44,8		
<b>TOTAL</b>	<b>41</b>	<b>4,1</b>	<b>965</b>	<b>95,9</b>	<b>1006</b>	<b>100,0</b>		

(\*) 5 não respostas

Ao efetuar o cruzamento agora da procura por atividade sexual, de acordo com o sexo, dos 41 que saíram, 36(5,8%) foram do sexo masculino e 5(1,3%) do feminino que saíram à procura, enquanto os demais dados se encontram distribuídos na **Tabela 8**.

Tabela 8 - Procura por sexo, de acordo com o sexo dos condutores de automóveis e motos de passeio, em Rio Branco - Acre - Brasil, no ano de 2002<sup>(\*)</sup>

Sexo	Procura por Sexo		Sim		Não		TOTAL	
	(f)	(%)	(f)	(%)	(f)	(%)	(f)	(%)
Masculino	36	5,8	585	94,2	621	61,7		
Feminino	5	1,3	380	98,7	385	38,3		
<b>TOTAL</b>	<b>41</b>	<b>4,1</b>	<b>965</b>	<b>95,9</b>	<b>1006</b>	<b>100,0</b>		

(\*) 5 não respostas

Prosseguindo nos questionamentos, dos 41 (4,1%) que saíram a procura de atividade sexual, 24 (58,5%) não realizaram, contra 17 (41,5%) que sim, sendo um percentual considerável.

Para a questão se já fez uso do preservativo masculino, dos 617 que responderam, 583 (94,5%) afirmaram positivamente, o que parece ser um percentual altamente relevante, e até mesmo resultante da campanha de incentivo ao seu uso pelos três níveis de governo, organizações sociais civis e outros, contra apenas 34 (5,5%) que mencionaram não, o que se acredita provavelmente ser devido ao estado

civil de solteiros, onde encontraram-se 503(49,8%), ou ainda por não ter tido relação sexual.

Ao levantar se haviam aceitado bem o uso de preservativo masculino, dos 583 que responderam a esta questão, 497 (85,2%) referiram aceitar, contra 86 (14,8%) que não.

Vale enfatizar que dos 86 (14,8%) que não aceitaram bem, também se encontrou um total de 86 respostas, as quais estão agrupadas por semelhança de conteúdo na **Tabela 9**.

Tabela 9 - Distribuição das causas da não aceitação do uso de preservativo masculino, em condutores de automóveis e motos de passeio, em Rio Branco - Acre - Brasil, no ano de 2002

Causas da Não-Aceitação do Uso do Preservativo Masculino	(f)	(%)
Tira prazer, fica sem gosto, diminui a sensibilidade, não é natural, falta de costume, fica diferente, demora sentir prazer, é péssimo, tira ereção, não gosta, é chupar bala com papel, comer banana com casca, encapada não tem boca, não é a mesma coisa, não é legal, não sabe explicar e é questão adaptativa e psicológica	45	52,3
Incomoda, causa desconforto, irritação, alergia e machuca a mucosa, apertada, é ruim não encontra tamanho adequado, acha melhor sem tem mulher que não gosta e usa por segurança	41	47,7
<b>TOTAL</b>	<b>86</b>	<b>100,0</b>

Prosseguindo, também se levanto a aceitação do uso do preservativo masculino, por parte da parceira, onde das 581 respostas, 550 (94,7%) a aceitam bem e apenas 31 (5,3%) não, o que mostra a consciência por parte das mulheres, bem como o saber de sua vulnerabilidade às DST, a feminilização e a heterossexualização da Aids e a gravidez indesejada.

A esse respeito, em pesquisa realizada pelo NEPO/ UNICAMP, CEBRAP, UNAIDS e CN-DST/Aids, em 1999, Brasil (2002)<sup>9</sup>, menciona-se que "as mulheres estão buscando formas de prevenção e cuidado no âmbito de sua autonomia, uma vez que a maior dificuldade que têm enfrentado é a negociação com seus parceiros para o uso da camisinha masculina. A principal vantagem apontada pelas mulheres que participaram da pesquisa foi a prevenção das DST".

Ao se propor levantar o porquê da não-aceitação do uso do preservativo masculino pela parceira, as 30 respostas foram agrupadas por semelhança de conteúdo, as quais encontram-se na **Tabela 10**.

Tabela 10 - Distribuição das causas da não aceitação do uso de preservativo masculino pelas parceiras, de condutores de automóveis e motos de passeio, em Rio Branco - Acre - Brasil, no ano de 2002

Causas da Não-Aceitação do Uso do Preservativo Masculino pela Parceira	(f)	(%)
É chupar bombom com papel, é chato, evita sentir prazer, fica diferente, não é natural, não gostou, não se sentiu bem não sente muito prazer, tira sensibilidade	16	53,3
Não soube explicar, falta de costume, incomoda, fere e irrita a vagina	14	46,7
<b>TOTAL</b>	<b>30</b>	<b>100,0</b>

Diante das **Tabelas 9 e 10**, pode-se observar que os percentuais são bastante semelhantes, o que mostra a coerência nas respostas, se constituindo assim em excelente fonte de dados para serem trabalhados na informação, educação e comunicação em saúde junto a clientela.

Ao questionar as mulheres se já haviam feito uso do preservativo feminino, das 381 que responderam, 359 (94,2%) mencionaram que não e apenas 22 (5,8%) que sim, sendo que destas últimas 15 (68,2%) aceitaram bem, contra 7 (31,8%) que não, cujas respostas foram: por ser desconfortável, incômodo, esquisito, por estética, mais difícil e entre outras.

Acrescenta-se ainda, que dos 20 parceiros que responderam quanto à aceitação da relação sexual com uso do preservativo feminino, 17 (85,0%) aceitaram, contra 3 (15,0%) que não.

A esse respeito "embora tenha dupla função (anticonceptiva e profilática), o preservativo sempre esteve mais diretamente ligado à prevenção das doenças sexualmente transmissíveis (DST). Antes de surgirem métodos anticoncepcionais como a "pílula", o DIU, o diafragma e a esterilização cirúrgica, por exemplo, o preservativo (juntamente com a prática do coito interrompido) parece ter desempenhado papel relevante na regulação da fecundidade, em vista das reduzidas alternativas anticonceptivas então disponíveis. Contudo, a principal finalidade de seu uso era a prevenção das DST. Isto é válido tanto para os jovens e adolescentes que iniciavam a vida sexual (geralmente, com trabalhadoras sexuais) quanto para homens adultos e casadas, em relações extraconjugais (Brasil, 1999)<sup>8</sup>.

Vale ressaltar ainda que "a partir da década de 50, com o desenvolvimento da penicilina e de outros antibióticos eficazes, as práticas e comportamentos preventivos quanto às DST foram se tornando cada vez menos adotados. Para isto, também contribuiu a rápida evolução dos costumes (que instaurou, na grande maioria das sociedades, uma maior liberalidade sexual), desestimulando o recurso aos serviços das trabalhadoras sexuais. Além disso, o aparecimento da pílula anticoncepcional permitiu à mulher ter domínio sobre sua função reprodutiva, pela primeira vez, na história. Sem dúvida, estes foram fatores determinantes para que o uso do preservativo se tornasse, gradualmente, inexpressivo sobretudo nos países em desenvolvimento (BRASIL, 1999).

Quando se levantou o uso do preservativo na primeira relação sexual, dos 983 que responderam a esta questão, 788 (80,2%) afirmaram que não, contra 195 (19,8%) que sim, onde maiores informações podem ser obtidas na **Tabela 11**.

Tabela 11 - Distribuição do uso do preservativo na primeira relação sexual, de acordo com o sexo, em condutores de automóveis e motos de passeio, em Rio Branco - Acre - Brasil, no ano de 2002

Uso do Preservativo na Primeira Relação Sexual	Sexo		TOTAL	
	Masculino (f)	Feminino (f)	(f)	(%)
Sim	107 54,9	88 45,1	195	19,8
Não	512 65,0	276 35,0	788	80,2
<b>TOTAL</b>	<b>619 63,0</b>	<b>364 37,0</b>	<b>983</b>	<b>100,0</b>

Com relação a este tema, “no Brasil o preservativo é muito pouco usado, seja como método anticoncepcional ou como método profilático das DST/Aids. Em pesquisas nacionais realizadas junto a mulheres em idade fértil (MIF), isto é, na faixa etária de 15 a 44 anos, casadas ou em união, o uso do preservativo foi reportado por apenas 1,7% ou 1,8% de todas as usuárias de métodos anticoncepcionais. Entretanto, estes resultados parecem estar subestimados. Com efeito, levantamentos locais junto a homens sexualmente ativos, na faixa etária dos 15 aos 24 anos, detectaram índices de uso do preservativo que variaram de 12,5% a 32,4% (no Rio de Janeiro, respectivamente, para os jovens unidos e não unidos); de 14,7% a 34,1% (em Curitiba); e de cerca de 18% a 40,4% (em Recife). Na cidade de Campinas (São Paulo), pesquisa realizada junto a 305 homens de 18 a 30 anos (solteiros, em sua grande maioria), chegou-se a resultados similares: 75% dos entrevistados reportaram relações sexuais que ocorreram nos 30 dias anteriores à pesquisa, mas apenas 29,8% destes relataram o uso constante do preservativo” (Brasil, 1999)<sup>8</sup>.

Um outro ponto descrito é que “de qualquer modo, esses níveis de uso do preservativo, sobretudo em tempos de Aids, ainda são muito baixos. De certa forma, isso poderia ser justificado por fatores como: “ter um relacionamento estável”, “não manter relações casuais ou promíscuas”, “ter um bom conhecimento sobre a parceira atual” e “a parceira está usando outro método anticoncepcional”, conforme foi detectado em diversas pesquisas qualitativas. Contudo, o surgimento da Aids, doença de alta letalidade, para a qual ainda não há medicamentos preventivos, impõe mudanças nos comportamentos, atitudes e práticas sexuais tanto por parte dos indivíduos quanto da sociedade como um todo” (Brasil, 1999)<sup>8</sup>.

Prossegue descrevendo que “sem dúvida, com a crescente possibilidade de exposição ao HIV, o exercício da sexualidade voltou a exigir cuidados com a transmissão de doenças e, neste caso, as medidas preventivas devem ser tomadas por todos os indivíduos, independentemente de fatores como idade ou sexo”, (Brasil, 1999)<sup>8</sup>.

“Com isto, a Aids veio revalorizar um método antigo, cujos níveis de utilização, em todo o mundo, vinham em constante declínio desde meados da década de 50. Essa rápida mudança, entretanto, também exige mudanças de atitudes por parte dos indivíduos, particularmente aquelas que se referem à aceitabilidade e ao uso efetivo de um método (anticoncepcional e profilático) ainda considerado como antiquado, além de ser estigmatizado, pois muito freqüentemente ele é associado a relacionamentos sexuais ilícitos e/ou promíscuos, bem como a práticas sexuais também consideradas como de alto risco” (Brasil, 1999)<sup>8</sup>.

“O uso de preservativos, tanto masculinos quanto femininos, por pessoas sexualmente ativas, é o método mais eficaz para a redução do risco de transmissão do HIV e de outros agentes sexualmente transmissíveis. Sua segurança, no entanto, depende da técnica de uso e de uso sistemático em todas as relações sexuais” (BRASIL, 1999).

Por outro lado, com o avanço das ações de prevenção e incentivo ao uso do preservativo, “pode-se observar comparativamente, que, no Brasil, o uso do preservativo na população que se encontra na faixa etária de 14 a 49 anos, que tiveram relações sexuais eventuais nos últimos 12 meses, é de 63%, muito próximo dos percentuais dos EUA, que se encontram em torno de 67%. Esse dado ainda é mais significativo se considerarmos a posição que ocupa o Brasil com relação a países como a França, Alemanha e Inglaterra. O uso do preservativo na primeira relação sexual corresponde a 77% na França, 57% na Alemanha, 68% na Inglaterra e 48% no Brasil” (Brasil, 2000b)<sup>11</sup>.

Com relação a esta temática, vale mencionar o que foi descrito por Ferreira *et al.* (1998) que com o “surgimento da Aids, resultando numa preocupação crescente por parte das pessoas sexualmente ativas em como evitar esta doença, uma vez que é difícil atuar sobre o comportamento sexual, pois este segue uma lógica diferente daquela da saúde pública, o uso do preservativo tem recebido destaque como meio de prevenção das DST/HIV e Aids”.

Como forma de proporcionar um maior aprofundamento do uso do preservativo na primeira relação sexual por faixa etária, dos 195 (19,8%), destaca-se a de 18-39 anos com 179 (91,8%), não se esquecendo porém dos 104 (53,3%) na faixa de 20-29 anos, o que se pode dizer que os usuários estão atendendo ao incentivo do uso do preservativo como medida profilática contra as DST e gravidez indesejada, e que maiores análises podem ser encontradas na **Tabela 12**.

Tabela 12 - Distribuição do uso do preservativo na primeira relação sexual, de acordo com a faixa etária, dos condutores de automóveis e motos de passeio, em Rio Branco - Acre - Brasil, no ano de 2002

Uso do Preservativo na Primeira Relação Sexual	Faixa Etária						TOTAL (f (%)
	18-19 (f (%)	20-29 (f (%)	30-39 (f (%)	40-49 (f (%)	50-59 (f (%)	60-69 (f (%)	
Sim	33 16,9	104 53,3	42 21,5	14 7,2	2 1,0	0 0,0	195 19,8
Não	39 4,9	340 43,1	271 34,4	98 12,4	33 4,2	7 0,9	788 80,2
<b>TOTAL</b>	<b>72 7,3</b>	<b>444 45,2</b>	<b>313 31,8</b>	<b>112 11,4</b>	<b>35 3,6</b>	<b>7 0,7</b>	<b>983 100,0</b>

Ao comparar esses mesmos dados de acordo com o sexo, no qual destaca-se o sexo masculino, onde dos 619 que responderam a esta questão, 512 (82,7%) não o fizeram, contra 107 (17,3%) que sim. Vale destacar a faixa etária mais representativa de 20-29 anos, com 50 (46,7%), onde os demais dados se encontram na **Tabela 13**.

Tabela 13 - Distribuição do uso do preservativo na primeira relação sexual pelo sexo masculino, em condutores de automóveis e motos de passeio, em Rio Branco - Acre - Brasil, no ano de 2002

Uso do Preservativo Pelo Sexo Masculino na Primeira Relação Sexual	Faixa Etária						TOTAL (f (%)
	18-19 (f (%)	20-29 (f (%)	30-39 (f (%)	40-49 (f (%)	50-59 (f (%)	60-69 (f (%)	
Sim	16 5,0	50 46,7	27 25,2	12 11,2	2 1,9	0 0,0	107 17,3
Não	22 4,3	215 42,0	182 35,5	67 13,1	19 3,7	7 1,4	512 82,7
<b>TOTAL</b>	<b>38 6,1</b>	<b>265 42,8</b>	<b>209 33,8</b>	<b>79 12,8</b>	<b>21 3,4</b>	<b>7 1,1</b>	<b>619 100,0</b>

Ao efetuar esta mesma análise, para o sexo feminino, das 364 que responderam, 276 (75,8%) não usaram na primeira relação sexual, contra 88 (24,2%) que o fizeram, cuja faixa etária mais representativa também foi a de 20-29 anos, com 54 (61,4%), cujos dados estão contidos na **Tabela 14**.

**Tabela 14 - Distribuição do uso do preservativo na primeira relação sexual, de acordo com o sexo feminino, em condutores de automóveis e motos de passeio, em Rio Branco - Acre - Brasil, no ano de 2002**

Uso do Preservativo Pelo Sexo Feminino na Primeira Relação Sexual	Faixa Etária						TOTAL
	18-19	20-29	30-39	40-49	50-59	60-69	
	(f) (%)	(f) (%)	(f) (%)	(f) (%)	(f) (%)	(f) (%)	
Sim	179,3	54 61,4	15 17,0	2 2,3	0 0,0	0 0,0	88 24,2
Não	17,6,2	125 45,3	89 32,2	31 11,2	14 5,1	0 0,0	276 75,8
<b>TOTAL</b>	<b>349,3</b>	<b>179 49,2</b>	<b>104 28,6</b>	<b>33 9,1</b>	<b>14 3,8</b>	<b>0 0,0</b>	<b>364 100,0</b>

Com relação ainda a estas análises, pode-se dizer também que de forma geral para ambos os sexos, à medida que aumentou a faixa etária diminuiu o uso do preservativo, onde se pode tecer duas considerações; uma, de que na época não se estimulava o uso do preservativo como hoje, outra, que segundo estas faixas merecem atenção, tendo em vista que, mesmo com o avançar da idade, muitos deles são sexualmente ativos, e que inclusive hoje já é preocupação nos Estados Unidos, onde a infecção de idosos acima de 60 anos pelo HIV atinge 10%.

Dando continuidade aos questionamentos, ao levantar se acrescentam outro tipo de lubrificante na ocasião do ato sexual, dos 906 que responderam, 830 (91,6%) mencionaram não usar, contra 76 (8,4%) que sim, cujas respostas para o uso estão contidas na **Tabela 15**.

**Tabela 15 - Distribuição do uso de outro tipo de lubrificante no preservativo no ato sexual, em condutores de automóveis e motos de passeio, em Rio Branco - Acre - Brasil, no ano de 2002<sup>2)</sup>**

Tipos de Lubrificantes Utilizados nas Relações Sexuais	(f)	(%)
KY Gel	42	57,0
Vaselina, Pomada	15	20,2
Saliva	6	8,1
KY Gel, Creme Vaginal e Vaselina	6	8,1
Não se lembra, Não Sabe	2	2,7
Condicionador de Cabelo	1	1,3
Leite Condensado	1	1,3
Óleo Exótico	1	1,3
<b>TOTAL</b>	<b>74</b>	<b>100,0</b>

<sup>2)</sup> 2 Não Respostas

Com relação a estas respostas, pode-se depreender que tendo em vista o poder aquisitivo e nível de escolaridade dos respondentes, justifica-se a compra e uso de KY Gel de uma multinacional, onde se obteve 42 (57,0%). Tal resposta vem ao encontro do uso de lubrificante à base de água preconizado nas campanhas de prevenção às DST pelas autoridades da saúde.

Por outro lado, o uso de vaselina/pomada/óleo exótico/creme vaginal por 18 (24,3%) também representa preocupação, pois estes tipos de lubrificantes podem danificar o preservativo e com isso ocorrer infecção pelas DST e até gravidez indesejada, não sendo inclusive recomendando pelas autoridades de prevenção, por não serem à base de água.

Dois respostas também devem ser levadas em consideração, sendo uma o uso de condicionador de cabelo e a outra o uso de leite condensado, prática esta ainda não citada na literatura e o óleo exótico, o que parece aqui se tratar de fantasia sexual, o que se acredita ainda num agravante que deva causar sérios prejuízos a microbiota vaginal.

Dentre outras questões levantadas nesta pesquisa, particular atenção foi dada a guarda do preservativo pelos usuários, onde suas respostas estão distribuídas na **Tabela 16**.

**Tabela 16 - Distribuição dos locais de guarda do preservativo masculino, em condutores de automóveis e motos de passeio, em Rio Branco - Acre - Brasil, no ano de 2002**

Locais de Guarda do Preservativo Masculino	(f)	(%)
Porta Luva do Carro	43	36,4
Carteira de Dinheiro do Bolso Traseiro	23	19,5
Bolsa a Tiracolo	18	15,3
Carteira de Dinheiro do Bolso Dianteiro	11	9,3
Porta Objetos do Carro	8	6,8
Bolso Dianteiro da Calça	7	5,9
Bolso Traseiro da Calça	7	5,9
Bolsa Pochete	1	0,8
<b>TOTAL</b>	<b>118</b>	<b>100,0</b>

Diante destes dados, a guarda do preservativo no porta luva do carro, mencionado por 43 (36,4%), bem como a guarda na carteira de dinheiro do bolso traseiro por 23 (19,5%) e até na bolsa a tiracolo, com 18 (15,3%), quando colocadas junto a outros tipos de materiais perfuro-cortantes, como tesourinhas, alicate de unha, escova de cabelo, pinça de sobrancelha e outros, os quais representam séria preocupação, pois eles estão expostos ao excessivo calor, maceração, danificação e furo na embalagem, proporcionando assim forte predisposição a acidente no ato sexual.

Com relação ao acondicionamento, no tocante às "Normas para Armazenamento Adequado de Preservativos", visando manter a qualidade e a durabilidade, "é recomendado armazenar os preservativos em locais secos, iluminados, ventilados, protegidos da luz direta, calor, umidade e danos mecânicos (temperatura de estocagem até 28°C, no máximo 30°C)" (Brasil, 2002)<sup>9</sup>.

Além dessas normas, em documento publicado pelo Ministério da Saúde, Brasil (1999)<sup>8</sup>, assim está descrito no tocante aos fatores de risco para ruptura ou escape, mencionados por usuários constantes dos preservativos masculinos: "más condições de armazenamento; não-observação do prazo de validade; lubrificação vaginal insuficiente; sexo anal sem lubrificação adequada; uso de lubrificantes oleosos; presença de ar e/ou ausência de espaço para recolher o esperma na extremidade do preservativo; tamanho inadequado com relação ao pênis; retirada do pênis sem que se segure firmemente a base do preservativo; uso de dois preservativos (devido à fricção que ocorre entre eles); e uso de um mesmo preservativo durante coito prolongado", onde parte destes dados estão de acordo com resultados por nós encontrados nesta pesquisa.

Como forma de ampliar as discussões com relação à exposição dos preservativos a excessiva temperatura, teve-se o cuidado de verificar a temperatura ambiente dentro de um carro fechado, em dois locais diferentes: no porta-luvas,

onde obteve-se a temperatura de 48°C e dentro do carro, onde atingiu 60°C, exposto ao sol num dia típico de calor na cidade de Rio Branco – Acre - Brasil, no período das 10 às 12 horas.

Convém esclarecer que nesta época do ano, como a estação é de verão, a temperatura é mais amena, podendo-se assim ser mais elevada ainda em agosto, setembro e outubro, e no período de inverno, janeiro e fevereiro.

Essas normas acima mencionadas, são extremamente relevantes, pois diante dos dados encontrados, reforça a preocupação desta pesquisa ao estudar esta problemática, o que mostra claramente o risco a que os usuários estão expostos na guarda inadequada do preservativo.

Ainda com relação a esta questão, encontrou-se respostas de 6 sujeitos que referiram guardar os preservativos em mais de um lugar, dando ênfase também para a carteira no bolso dianteiro da calça, seguido pelo bolso traseiro da calça e porta-objetos do carro.

Quando facultou-se aos respondentes mencionar os outros locais de guarda do preservativo masculino, cujas 23 respostas estão agrupadas por semelhança de conteúdo e distribuídas na **Tabela 17**, as quais representam preocupação semelhante à análise anterior.

**Tabela 17 - Distribuição da guarda do preservativo masculino em outros locais, por parte dos condutores de automóveis e motos de passeio, em Rio Branco – Acre - Brasil, no ano de 2002**

Guarda do Preservativo Masculino em Outros Locais	(f)	(%)
Atras do banco do carro, embaixo do porta luvas, lateral da porta do carro, painel do carro, porta cinzeiro do carro, porta malas, quebra-sol	9	39,2
Porta chave da moto, bagageiro da moto, bolsa da moto, mala da moto, debaixo do banco da moto, porta luva da moto	8	34,8
Bolso do calção, dentro da cueca e da calcinha	3	13,0
Carteira na bolsa a tira colo, guarda roupa, pasta executiva,	3	13,0
<b>TOTAL</b>	<b>23</b>	<b>100,0</b>

Por sua vez, nos únicos três preservativos femininos, 2 (66,7%) estavam guardados na bolsa a tiracolo e 1 (33,3%) no porta-luvas do carro, valendo aqui as mesmas análise anteriores.

Ao levantar a forma de aquisição dos preservativos, vale destacar os 67 (49,6%) que haviam comprado, 61 (45,2%) que foram distribuídos pelo governo e apenas 7 (5,2%) possuíam preservativo doado e comprado.

Ao avaliar estas respostas, pelo poder aquisitivo dos respondentes, já era de se esperar que um considerável percentual possuiriam preservativos comprados no comércio, e que esta experiência também mostrou um significativo número, por se tratarem de preservativos lubrificadas e com sabor. Enquanto os doados pelo governo, podem ser resultantes não só das campanhas de incentivo ao uso, como também distribuídos nos serviços de saúde, nos três níveis de atuação, ou seja, federal, estadual e municipal.

Prosseguindo nesta discussão, no que se refere à aquisição do preservativo masculino, o Ministério da Saúde tem aumentado significativamente o quantitativo de preservativos adquiridos para distribuição. De 18 milhões comprados em 1993, passou para 50 em 1996 e 200 em 1999, 2000 e 2001, e que para o ano de 2002 está prevista a compra de 300 milhões (Brasil, 2002)<sup>9</sup>.

Dando seguimento nesta temática, foi de interesse levantar junto aos respondentes que avaliação faziam das campanhas de incentivo ao uso do preservativo masculino de forma geral

por parte do governo, cujas respostas se encontram distribuídas na **Tabela 18**.

**Tabela 18 - Distribuição da avaliação da campanha do uso do preservativo masculino empreendida pelo governo, por parte dos condutores de automóveis e motos de passeio, em Rio Branco – Acre - Brasil, no ano de 2002<sup>(\*)</sup>**

Avaliação da Campanha de Incentivo ao Uso do Preservativo Masculino pelo Governo	(f)	(%)
Ótima	541	53,6
Boa	325	32,2
Regular	107	10,6
Ruim	25	2,5
Não Conhece	12	1,2
<b>TOTAL</b>	<b>1010</b>	<b>100,0</b>

<sup>(\*)</sup> Uma não resposta

Ao somar a avaliação ótima/boa, representou 866 (85,8%), contra 132 (13,1%) para regular/ruim, o que mostra uma boa aceitação das campanhas pela divulgação empreendida pelos governos, no tocante ao uso do preservativo masculino. Por sua vez, quanto à avaliação por parte da campanha ao uso do preservativo feminino, conforme dados na **Tabela 19**, encontrou-se para o item ótimo/bom 325 (32,2%) e para regular/ruim obteve-se 402 (39,8%) o que mostra uma diferença muito grande com relação à campanha por parte do preservativo masculino. Vale ainda chamar a atenção para os 283 (28,0%) que assinalaram não conhecer a campanha de incentivo a este tipo de preservativo.

**Tabela 19 - Distribuição da avaliação da campanha do uso preservativo feminino empreendida pelo governo, por parte dos condutores de automóveis e motos de passeio, em Rio Branco – Acre - Brasil, no ano de 2002<sup>(\*)</sup>**

Avaliação da Campanha de Incentivo ao Uso do Preservativo Feminino pelo Governo	(f)	(%)
Ótima	181	17,9
Boa	144	14,3
Regular	199	19,7
Ruim	203	20,1
Não Conhece	283	28,0
<b>TOTAL</b>	<b>1010</b>	<b>100,0</b>

<sup>(\*)</sup> Uma não-resposta

Ao somar a avaliação ótima/boa, representou 866 (85,8%), contra 132 (13,1%) para regular/ruim, o que mostra uma boa aceitação das campanhas pela divulgação empreendida pelos governos, no tocante ao uso do preservativo masculino. Por sua vez, quanto à avaliação por parte da campanha ao uso do preservativo feminino, conforme dados na **Tabela 19**, encontrou-se para o item ótimo/bom 325 (32,2%) e para regular/ruim obteve-se 402 (39,8%) o que mostra uma diferença muito grande com relação à campanha por parte do preservativo masculino. Vale ainda chamar a atenção para os 283 (28,0%) que assinalaram não conhecer a campanha de incentivo a este tipo de preservativo.

**Tabela 19 - Distribuição da avaliação da campanha do uso preservativo feminino empreendida pelo governo, por parte dos condutores de automóveis e motos de passeio, em Rio Branco – Acre - Brasil, no ano de 2002<sup>(\*)</sup>**

Avaliação da Campanha de Incentivo ao Uso do Preservativo Feminino pelo Governo	(f)	(%)
Ótima	181	17,9
Boa	144	14,3
Regular	199	19,7
Ruim	203	20,1
Não Conhece	283	28,0
<b>TOTAL</b>	<b>1010</b>	<b>100,0</b>

<sup>(\*)</sup> Uma não-resposta

Neste sentido, em documento divulgado pelo Governo Federal, assim está descrito "para o preservativo feminino, no ano de 2000 foi comprado 2 milhões, mas que o custo elevado impossibilitou e ainda impossibilita um investimento semelhante empreendido ao preservativo masculino" (Brasil, 2002)<sup>9</sup>.

Assim, pode-se dizer que com o surgimento da Aids, e com as campanhas de incentivo ao uso do preservativo nas relações sexuais, hoje há uma maior conscientização das pessoas sexualmente ativas na prevenção às DST.

Por último, ao questionar os sujeitos quanto à avaliação da realização desta pesquisa por parte dos autores, para o item ótimo/bom encontrou-se 980 (97,1%), contra apenas 30 (2,9%) para regular/ruim, o que reforça a intenção ao realizar esta pesquisa bem como a excelente aceitação por parte dos respondentes, cujos dados se encontram distribuídos na **Tabela 20**.

**Tabela 20 - Distribuição da avaliação da pesquisa, pelos condutores de automóveis e motos de passeio, em Rio Branco - Acre - Brasil, no ano de 2002**<sup>(\*)</sup>

Avaliação da Pesquisa pelos Respondentes	(f)	(%)
Ótima	542	53,7
Boa	438	43,4
Regular	27	2,7
Ruim	3	0,2
<b>TOTAL</b>	<b>1010</b>	<b>100,0</b>

(\*) Uma não resposta

## CONCLUSÃO

Ao realizar esta pesquisa, estava-se convicto de sua relevância tendo em vista não só a temática, como também a não-existência de pesquisa semelhante, principalmente com relação ao acondicionamento do preservativo por parte do usuário em nosso meio.

Assim, pode-se observar que 76,9% da população estudada estava compreendida na faixa etária de 20-39 anos, sendo portanto não só jovem/adulta, economicamente ativa, como também dentro da faixa de preocupação da Coordenação Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde, no tocante a prevenção a essas doenças.

Por outro lado, o sexo masculino esteve representado por quase que o dobro do feminino com 61,7%, e metade estava na condição de solteiro com 49,8%, enquanto 78,3% possuíam do segundo grau incompleto ao terceiro, também incompleto.

Com relação ao tipo de trabalho, deve ser dado destaque ao particular com 32,7%, seguido pelo funcionalismo público estadual, com 20,7%.

Foi significativo o número de sujeitos que não e às vezes levavam preservativo consigo, ao sair no final de semana com 63,3%, os 84,2% que não possuíam no ato da pesquisa e os apenas 1,0% das mulheres que possuíam o preservativo feminino, o que mostra a vulnerabilidade ao risco de infecção pelas DST e até a gravidez indesejada, a que estão sujeitos no caso de relação sexual desprotegida.

A esse respeito, não se pode esquecer também os 44,9% que estavam na condição de casado/juntado, portanto supõe-se uma união estável e com parceiro(a) único(a).

Considerável destaque deve ser dado não só ao prazo de validade do preservativo, estando entre 98,8% a 100,0% e

a integridade onde foi encontrado de 94,0% a 100,0%, enquanto, por outro lado, o mesmo não se pode dizer com relação à sua guarda, onde se encontraram 36,4% no porta-luvas do carro, seguidos por 19,5% na carteira de dinheiro do bolso traseiro da calça, o que mostra claramente o perigo de maceração, exposição ao excesso de calor e risco de infecção pelas DST e gravidez indesejada.

Vale lembrar, que, dos 15,8% que possuíam preservativo, encontrou-se uma média de dois por respondente, o que parece ser razoável e com boa margem de segurança.

Ao serem questionados se saíram à procura de atividade sexual, dos 41 (4,1%) que responderam que sim, 24 (58,5%) que a realizaram, onde 80,5% eram solteiros, portanto com maior liberdade para atividade sexual.

Um dado bastante relevante foi para o uso do preservativo masculino, onde 94,5% já o haviam usado, inclusive com 85,2% de aceitação e até 94,7% de aceitação pela própria parceira, enquanto somente 5,8% usaram o preservativo feminino, com 85,0% de aceitação agora pelo parceiro apesar do número pequeno de uso.

A utilização do preservativo na primeira relação sexual de forma geral foi mencionada por 19,8%, com ênfase na faixa etária de 18-39 anos, enquanto com destaque para o sexo masculino 17,3% o fizeram, contra 24,2% do sexo feminino, o que mostra que percentualmente as mulheres usaram mais preservativos do que os homens, principalmente na faixa etária de 18-29, e que a partir dos 30-59 prevalece o masculino, confirmando assim a percepção da vulnerabilidade feminina, a heterossexualização e a feminilização da Aids e até mesmo atendendo ao incentivo do uso do preservativo como medida profilática contra às DST e a gravidez indesejada. Apesar disso, tais dados estão abaixo da média nacional.

O uso de outro tipo de lubrificante nas relações sexuais foi mencionado por 76(8,4%), dos quais 42(57,0%) mencionaram o KY Gel de uma multinacional, estando portanto de acordo com o preconizado pela Coordenação Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde, por se tratar de lubrificante a base de água.

Por outro lado foi bastante preocupante os 24,3% que utilizaram outros tipos de lubrificantes, onde entre eles citam-se vaselina/pomada/óleo exótico e creme vaginal, o que não está de acordo com o recomendado pelas autoridades da saúde, constituindo-se assim em sério risco à saúde dos usuários.

Com o incentivo do uso do preservativo nas relações sexuais, como medida profilática contra às DST, por parte dos três níveis de governo, organizações sociais civis e outros, foi relevante os 49,6% que haviam comprado o preservativo, destacando os com sabor, o que na nossa opinião tem sua razão de ser pelo nível de escolaridade e poder aquisitivo da população estudada.

Para esta temática, com relação à avaliação por parte dos três níveis de governos, quanto à campanha de incentivo ao uso do preservativo masculino, 85,8% consideraram-na ótima/boa, enquanto que para a campanha do preservativo feminino, 39,8% consideraram regular/ruim e 28,0% não a conhecem, o que mostra claramente a necessidade de ampliar sua divulgação.

Como questão final, levantou-se junto aos sujeitos da pesquisa, qual a sua opinião a respeito desta pesquisa, onde

97,1% consideraram-na como ótima/boa, reforçando assim o interesse e a relevância da realização da mesma, cujos resultados poderão ser utilizados nos Programas de Informação, Educação e Comunicação em Saúde das Coordenações, Nacional, Estadual e Municipal de DST/Aids, Organizações Sociais Civis, Cursos de Graduação e de Pós-Graduação de nosso Pólo de Capacitação de Recursos Humanos na Prevenção e Controle das DST/HIV e Aids no Estado do Acre.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação Nacional de Saúde. Doenças sexualmente transmissíveis. *Manual de Bolso*. Brasília, 2000a.
- 2 ALIANÇA LUZ./ PROGRAMA FUNDO ROTATIVO DE PRESERVATIVOS. *História da camisinha*. Informativo. (s.a).
- 3 CRISTINA, C; MARQUEZI, D & COSTA, G. *Como surgiu o preservativo*. PLAYBOY. Disponível em: [www2.uol.com.br/playboy/sexo/comportamento\\_camisinha1.html](http://www2.uol.com.br/playboy/sexo/comportamento_camisinha1.html). Acesso em: 17 março 2002.
- 4 GIR, E.; MORIYA, T.M. & FIGUEIREDO, M.A. de C. *Práticas sexuais e a infecção pelo vírus da imunodeficiência humana*. AB Eitora. 1994.
- 5 SOLOMON, M.Z.; DEJONG, W. Preventing AIDS and others STDs through condom promotion: a patient education intervention. *AM.J.PUBLIC HEALTH*, v.79, n.4, p.453-8, 1989.

- 6 NAKAMURA, R.M. Condoms: manufacturing and testing. In: VOELLER, B.; REINISCH, J.M.; GOTTLIEB, M. (ED) *AIDS AND SEX: an integrated biomedical and biobehavioral approach*. New York, Oxford University Press, 1990, cap.21, p:337-43.
- 7 FERREIRA, S.M.B. et al. Uso de preservativo por adolescentes de um Colégio Estadual em Niterói – RJ. *J. DST 5 Bras Doenças Sex Transm* v.10, n.3, p:13-19, 1998.
- 8 BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação Nacional de Saúde. *Manual de controle das doenças sexualmente transmissíveis*. Brasília, 1999.
- 9 Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação Nacional de Saúde. *Política de distribuição do preservativo masculino na prevenção ao HIV/Aids e DST no Brasil*. Brasília, 2002.
- 10 GIR, E. et al. Medidas preventivas contra a Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis conhecidas por universitários da área de saúde. *Rev.latin-am.enfermagem*. v.7, n.1, p:11-17, jan. 1999.
- 11 Ministério da Saúde. *Programa Brasileiro de Doenças Sexualmente transmissíveis e aids*. Brasília. 2000b.

### Endereço para correspondência:

**PROF. DR. CRESO MACHADO LOPES**

Rua das Palmeiras Q – 7, C – 20 ou nº 598

Jardim Tropical II – Bairro São Francisco

69.910-540 – RIO BRANCO – ACRE – BRASIL

E-Mail: [creso@ufac.br](mailto:creso@ufac.br), (0xx68) 224-1650

# DST5

V CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

## A GENTE SE VÊ NO RECIFE EM 2004

### 29 de agosto a 01 de setembro

#### INFORMAÇÕES: CEJEM - PROMOÇÕES E TREINAMENTOS LTDA

Rua General Americano Freire, 394 sala 403, Boa Viagem, Recife- PE, CEP: 51021-120

Tels.: (81) 3465-8594 e 3465-5551

Fax: (81) 3325-5015

E-mail: [cejem@elogica.com.br](mailto:cejem@elogica.com.br)

[cejem@ig.com.br](mailto:cejem@ig.com.br)

Visite nossa página  
[www.uff.br/dst/](http://www.uff.br/dst/)

DST 5, RECIFE 2004  
[www.dstbrasil.org.br](http://www.dstbrasil.org.br)